LISBOA



Passeio Publico

Quando publicámos a gravura da frontaria do palacio dos marquezes de Castello Melhor, que olha para dentro do mesmo Passeio, alguma coisa dissemos no tocante ás hortas pertencentes áquella casa nobiliaria, mandadas comprar pelo marquez de Pombal para fazer o Passeio.

Hoje, reproduzindo a vista da rua central do mesmo passeio, com os melhoramentos que ultimamente alli tem feito a camara municipal, apenas temos a accrescentar o que nos diz Jacome Ratton nas suas *Recordações* impressas em Londres no anno de 1817.

Nomeando os differentes architectos que foram encarregados da reedificação de Lisboa, diz:

«A Carlos Mardel succedeu Reinaldo Manuel, e d'este não sei coisa notavel, a não ser o desenho e estabelecimento do Passeio Publico em 1764, sobre umas hortas que alli existiam, chamadas hortas da Céra, nas quaes se deitaram os entulhos das ruinas da cidade baixa; e fui eu que dos meus viveiros da Barroca d'Alva dei todas as arvores freixos que se acham no dito Passeio.

Este passeio é o unico refugio que tem os habitantes de Lisboa para passearem livres de lama; mas costuma estar fechado a horas em que deveria estar aberto: pouca gente o frequenta, talvez por ser prohibido aos homens de capote; oxalá que o fosse tambem para as mulheres de capa, e que se podesse entrar e saír por qualquer de suas duas portas, para commodidade do publico. É pena que nas principaes ruas se decepem os ramos das arvores, que as deviam tornar sombrias e frescas no tempo da calma; e que esta póda as venha a destruir em pouco tempo como é de receiar».

No *Universo Pittoresco* de 1840 vem uma descripção minuciosa do Passeio até áquella data.

Por ahi se verá o que elle foi, e em que estado se acha actualmente. Até 1836 era simplesmente um bosque de uns 300 metros de comprimento, todo murado, com 15 janellas de grade por banda. A frente era um tapume de madeira, com sua cancella, obra provisoria, que durou desde a fundação até 1834, anno em que a camara municipal mandou fazer o risco para o ampliar e concluir; conseguindo que se nomeasse uma commissão para dirigir os trabalhos, e abrir uma subscripção para esse fim.

Concluiu-se a obra do gradamento em volta, no anno de 1838, data que se acha gravada entre coroas sobre os portões de ferro da entrada para o lado do Rocio.

Com o accrescentamento para o largo onde d'antes se fazia a feira da ladra, o Passeio ficou tendo 330 metros de comprimento, medindo a rua central que a nossa estampa representa, 10 metros de largo. De verão é esta toda illuminada a gaz, por uma ala de candelabros, e as outras com menos profusão.

AS MULHERES DE DIO

N'essa iliada de feitos gloriosos, com que um punhado de valentes fez respeitado e temido desde o mar Vermelho até Malaca o nome portuguez, nenhum

deu maior brado nem mereceu maiores encomios de historiadores e poetas que os dois cercos de Dio. As gentilezas de armas que n'elles se praticaram, e a importancia da empreza legitimam completamente esse interesse. Tratava-se não menos do que saber se Portugal devia continuar a fruir o commercio exclusivo do Oriente, e a ser o senhor absoluto dos mares, ou se os moiros recuperariam a antiga preponderancia na Asia, e levariam pelo estreito as suas especiarias á Europa. Assustados a principio com a presença dos ousados competidores, que, procurando um novo caminho, tinham transposto mares desconhecidos, e arrostado temerosos perigos para supplantarem a sua preponderancia commercial, os infieis da costa de Malabar viram dentro em pouco tempo succederem-se as armadas, cada vez mais poderosas, levantarem-se as fortalezas umas após outras dominando as costas, e os reis por que a India estava dividida, ou por força ou por vontade, sujeitarem-se ao novo poder.

Obrigados a navegar sob o cartaz dos portuguezes, vencidos nos ardis e nas batalhas que sustentaram com o seu braço e com o seu oiro, appellaram para os rumes, a que nós fechavamos os mares e impediamos o grosso trato de outr'ora, convidando-os a que os fossem ajudar com as suas naus e a sua gente, pintando-lhes como facil o vencimento.

Acceitaram os rumes a proposta em que tanto interessavam, e passaram á India no tempo de D. Francisco de Almeida; porém este, vingando o filho tão fatalmente morto em peleja contra elles, mostrou-lhes a ferro e fogo em Dio, onde se tinham acolhido, o que era o esforço portuguez, e quanto seria difficil subjugal-o.

Derrotados os restos de tão soberba armada, voltaram á sua terra levando o temor e o desalento aos logares d'onde tinham partido com tão vaidosas esperanças.

Foi tamanha a convicção com que ficaram da sua fraqueza e da nossa força, que por largo espaço não renovaram a tentativa; mas se o medo fez que não voltassem á India, os portuguezes foram procural-os, e, entrando o estreito, não sómente assolaram as costas do mar Vermelho, mas até pozeram a fogo nos proprios estaleiros as naus dos seus inimigos.

Durou por bastantes annos este desalento; em fim, no governo de D. Garcia de Noronha tentaram outra vez a empreza poderosos e cheios de vaidade, como d'antes, e como d'antes procuraram Dio para ponto de apoio das suas operações.

Já n'este tempo haviamos levantado fortaleza n'esta cidade, depois de tantos esforços, e era capitão d'ella D. Antonio da Silveira, homem de rija tempera, e esforçado cavalleiro, tão grande nos perigos da guerra como nos insultos da fortuna. Quem não conhece a defesa heroica d'este celebre capitão? Só com poucos homens feridos e aleijados, sem o soccorro do governador, que, segundo o testimunho dos historiadores, era mais cubiçoso de lucro que de trabalhosa fama, e que com uma potente armada, em logar de ir combater, procurava pretextos e delongas para se não expor aos perigos defendendo o baluarte do poder portuguez na India, D. Antonio da Silveira, falto de munições e mantimentos, com valor e constancia a toda a prova, sustentou contra forças muito superiores aquelle famoso cerco, digno de eterna memoria, obrigando a retirarem-se da cidade, e a tomarem assustados o caminho de Meca, os aguerridos e ufanos vencedores de Rhodes e da Europa.

Que terriveis não foram esses dias de privações e de continuas pelejas, ora vigiando álerta contra os frequentes rebates, e correndo da vigia aos temerosos assaltos, luctando peito a peito e braço a braço contra a multidão dos contrarios que algumas vezes chegaram a arvorar os seus guiões no alto dos baluartes, onde, depois de porfiada lucta, muitos ficaram mortos, e d'onde os mais foram expulsos e precipitados; ora fazendo reconhecimentos e contraminas, levantando novos muros para substituirem os já desmoronados, tudo com grande cançaço e perigo, sem cessar, sob o fogo dos pelouros; ora finalmente curando os feridos e com piedosas preces encommendando-se a Deus que só os podia salvar em tão arriscados lances. N'este insano trabalho entravam todos sem se attender á edade e ao sexo. Eram eguaes ante o perigo os homens e as mulheres, os fracos e os aleijados, os velhos e as crianças!

Era o amor da patria e da gloria obrando prodigios.

O segundo cerco, posto no tempo de D. João de Castro, sendo governador da fortaleza o intrepido e famoso D. João de Mascarenhas, é muito mais conhecido e popular, não porque n'elle se praticassem maiores feitos de heroismo, porém pelas forças mais numerosas que de ambos os lados se empenharam, posto que as do inimigo fossem incomparavelmente superiores, pelo grande soccorro com que D. João de Castro abalou toda a India, e o fez em fim levantar, e pelo elegante e tão manuseado livro de Jacintho Freire de Andrade, seu panegyrista. D'esta vez não foram os rumes, porém sim os guzerates com exercito numerosissimo, em que se contavam muitos turcos e janizaros. Narrar as galhardias que então se fizeram seria repetir o que já se disse; eram os mesmos portuguezes; a mesma constancia nos soffrimentos, o mesmo valor nos combates, a mesma confiança em Deus e no seu braço.

A parte de gloria que coube ás mulheres de Dio, tanto n'este como no primeiro cerco, do que é nosso intento fazer aqui especial menção, foi muito memoravel, e d'ellas fallam com louvor todos os historiadores.

Conta Gaspar Corrêa, o poetico ainda que incorrecto auctor das *Lendas da India*, que Anna Fernandes, casada com um bacharel de medicina, levando um retabulo de Nossa Senhora, se expunha no mais travado da briga animando os combatentes; que uma mulher casada com Raphael Lourenço, que fôra turca, se vestiu com os vestidos de seu marido, e com uma lança se lhe foi collocar ao lado no muro combatendo, e esforçando os que combatiam; e que Catharina Moreira, em trajos de homem, com uma chuça ajudava os nossos e os animava, e que em quanto assim luctava esforçadamente, uma espingardada lhe deu pelas costas e a derrubou, mas ella com esforço varonil se levantou logo dizendo: não é nada, e se foi curar. Além d'isto, quem póde avaliar o trabalho que todas faziam curando os feridos, amassando barro, acarretando pedra, e indo até levar o comer e o beber aos combatentes, e mais do que tudo incitando-os com o exemplo a porfiarem na quasi incrivel defesa, para o que de certo muito contribuiram, pois não haveria homem que fosse fraco diante de taes mulheres.

No segundo cerco, na occasião em que Juzarcão investiu a couraça da fortaleza, diz Jacintho Freire o seguinte:

«Subiram os turcos ousadamente a rocha, e foram demandar umas casas que estavam encostadas á egreja de Santiago, e davam passo a uma varanda baixa em que logo arvoraram escadas para subirem outros, e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra e a victoria. Ganharam os turcos as casas, pelas quaes foram descendo á fortaleza, e um mais atrevido ou diligente entrou em casa de uma mulher casada, pedindo-lhe dinheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada de temor mostrou que saía a buscal-o, e entrando na casa de outra visinha, lhe contou desmaiada o perigo em que estava; esta com o sobresalto da nova deu aviso a outra, a qual com accôrdo e forças de varão tomou

uma chuça, e indo a demandar a casa em que os turcos estavam, viu um d'elles á porta, como vigiando o que se passava fóra, e remettendo a elle, tirando-lhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficando-lhe o juizo tão livre no perigo que teve acôrdo para cerrar a porta, e animo para esperar os turcos, e impedir-lhes a saída; digna por certo que entre os varões mais claros ficasse sua memoria.

As mulheres que viviam para aquella parte, assombradas de um temor tão justo, foram em demanda do capitão-mór, gritando: turcos na fortaleza; o qual acharam com tres soldados correndo os baluartes, e ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado que animoso, mandou que se calassem, levando-as comsigo por guia á casa onde estavam os turcos, e despedindo um soldado dos que o acompanhavam lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, calando o perigo da fortaleza aos que pelejavam; e logo despediu outro soldado para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou André Bayão com outro companheiro; e chegando á casa onde estavam os turcos, viu aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendo-lhes a saída com esforço mais que varonil; faltando-lhe na vida premio, n'esta historia nome».

Quando o inimigo poz fogo á mina do baluarte S. João, conta o mesmo auctor d'este modo o relevante serviço que ellas prestaram:

«Correu voz pela fortaleza que os turcos estavam já senhores do baluarte abrazado, com o que alguns soldados que nas outras estancias pelejavam, correram áquella parte como de mór perigo, e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formaram um grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contam nossas historias que commetteram o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acudiram a ministrar lanças, pelouros e panellas de polvora: e aquella valorosa Isabel Fernandes com uma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras muito mais com o exemplo e com as palavras, dizendo em altas vozes: pelejae por vosso rei, cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco».

Eguaes louvores lhes tece o mesmo auctor tratando do ataque do baluarte de Santiago:

«O baluarte de Santiago, como mais fraco, fez maiores ruinas, e já n'elle podiam os turcos pelejar quasi eguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito nem ameia que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até ao de Santiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel e forçoso tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de uma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunham ao trabalho, que não podiam vencer nem escusar.

Acudiram as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, subindo sem temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas e pelouros, vencendo a natureza e o sexo, como se trouxeram corações varonis em habitos alheios: taes houve que, vestindo armas, fizeram aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha; entre todas mereceu maior gloria Isabel Fernandes, a quem nossos escriptores, em logar de elogios que honrassem sua memoria, chamam a velha de Dio, celebre por este nome nos annaes ou memorias do Oriente. Dispendeu parte de seus bens esta grande matrona em mimos e regalos, com que no mais vivo do conflicto alentava aos soldados, exhortando-os á defensa e á peleja com razões maiores que de um espirito e juizo feminil. Em fim, a diligencia d'estas matronas servia de allivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acudindo a qualquer obra servil ou arriscada que fosse, promptas e opportunas».

Rebentou a mina do mesmo baluarte com damno dos inimigos, os quaes em seguida tentaram subir pelas ruinas e assaltal-o, mas foram repellidos. Termina Jacintho Freire a narração d'este feito do seguinte modo:

«Muita parte da honra d'este dia coube áquellas nunca assaz louvadas matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandes com uma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo, e as demais entre as settas, as lanças e pelouros, ou mostravam seu esforço ou serviam ao alheio».

Quando o vice-rei saiu a combater o arraial dos moiros, diz Gaspar Corrêa que entre a gente foram muitas mulheres em trajos de homem, que levavam odres de agua a tiracollo, e cabaças de vinho, e pão e bolos, e muitos pannos para atarem as feridas, e acudirem a quem tivesse necessidade, as quaes n'esta batalha onde achavam os feridos e necessitados, muito ajudavam e esforçavam com suas palavras e esforços, que lhes Deus n'aquelle tempo dá, que certamente nos trabalhos d'este cerco tiveram merecimentos dignos de muito louvor.

Não mostraram menos patriotismo as mulheres do resto da India, se não dando o sangue e a vida, ao menos offerecendo ao governador os filhos e a fazenda, como conta Jacintho Freire na occasião em que D. João de Castro preparava o soccorro para ir a Dio, e quando pediu emprestimo á cidade para reedificar a fortaleza.

De todas estas donas tão celebres, a que logrou maior memoria foi Isabel Fernandes, cognominada a velha de Dio, como se vê dos trechos que transcrevemos. D'esta verdadeira heroina, mãe de dezesete filhos, mortos no serviço da patria, é a carta que vae em seguida, dirigida á rainha D. Catharina, com a qual fecharemos este artigo.

«Senhora — Teue uosa alteza sempre tanta llembrança de mim por sua syngullar hecellente vertude que nam tenho eu com que tão gramdes merces posa seruir senão comtynuamente em minhas emdinas horacois pedir a noso senhor que acresente a vida de uosa allteza, e que veja em seus dias a ell-Rey noso senhor homem, e lhe entregue seus Reynos, e estado muj acresentados e não demynuidos. O Vizo Rey vejo muitas vezes e o syruo no que de mim, como de hua pobre molher, se elle pode seruir. Diz que me fará merce, mas as merces de uosa allteza me amde vir, e d'ella as espero heu. Vosa allteza a mujtos anos que me spreveu que ellRey, que noso senhor tenha na sua gllorya, me tomara dous netos; por não ter quem esta merce allembrase a uosa allteza nam me vieram numqua hos filhamentos; beyjarej as mãos a uossa allteza llembrarse desta merce porque estes dous e outro tenho aguora com dom amtão em Barem na guerra dos turquos, e quererá noso senhor que n'estas naos hirão a uosa allteza boas novas do que dom amtão fizer neste ffejto, tamto de seruico de deus e de uosa alteza. Meus netos hum se chama ffrancisquo daguiar, e houtro Jeronymo botelho, e houtro amtonio do campo; se uosa allteza me quer ffazer a merce que me spreveo que lhes tinha ffeyta ellRey, que he ja em glloria, mamdeme hos filhamentos delles que lla não tenho quem ho Requeyra a uosa allteza, a quem noso senhor acresente a uida e Real estado por longuos anos. De guuoa aos 25 de novembro de 1559. E asy a mujtos anos que peco a uosa allteza Juis dallfamdegua de dyo hou feytor de Batequalla por tempo de tres anos. Vosa allteza me espreveo sempre que me proveria como houvesse despacho, e com estas esperanças viuo; peçolhe por amor da virgem madre de deus que se allembre de mim e

me despache, que he para hum filho meu per nome affonço fernandes, que he o derradeiro que me fficou de dezoito que tinha, que todos se guastarão em serviço de deus e de uosa allteza nestas partes. Ho ano paçado mandey a uosa allteza hum boyão de crauo em comserua que he bom para os frios de llaa.

Daqui fiqua Roguamdo a deus pelo Real estado de V. A. — Izabell Fernandes, a velha de Dio». [1]

RAMOS COELHO.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 326)

CALÇADA DE CARRICHES, SENHOR ROUBADO, AMEIXOEIRA, POVOA DE SANTO ADRIÃO, MEALHADA, FRIELLAS, LOURES E ODIVELLAS

O logar de Loures, edificado em terreno plano, a pouco mais de 12 kilometros de Lisboa, é cortado pela estrada real que vae a Torres Vedras, e consta de 90 a 100 fogos, e 330 e tantos moradores. A egreja parochial tem por orago *Nossa Senhora da Assumpção*, porém é mais conhecida pela invocação popular de *Santa Maria de Loures*. Não é certo o anno da instituição d'esta freguezia, mas sabe-se por documentos que já existia em 1250, governando a egreja lisbonense o bispo D. Ayres Vasques. O templo, porém, tem tido muitas reconstrucções, e a ultima é moderna e de singela architectura. No *Rocio*, junto de uma ermida de Santa Anna, faz-se annualmente uma feira, que principia no dia 25 de julho. Na torre da dita ermida vê-se uma lapida embebida na parede, na qual está gravada uma provisão de D. José, do anno de 1775, que amplia os privilegios concedidos a esta feira. Nas visinhanças de Loures ha muitas quintas com boas casas de residencia, sobresaíndo a todas a *quinta do Matta*, dos srs. condes de Penafiel.

Do *Senhor Roubado* a *Odivellas* não é muita distancia. A estrada corre por entre campos e veigas aprazíveis até a um alto, onde se ergue aquelle arco de architectura meio gothica meio arabe, chamado o *Monumento de D. Diniz*, e do qual já tratámos n'outro logar. [2]

O logar de Odivellas está edificado parte no dorso do monte em que se vê aquelle arco, e parte na planicie que se estende das faldas d'elle para o norte. Dista de Lisboa pouco mais de 10 kilometros. Compõe-se de 157 fogos, e 442 almas. A egreja parochial da invocação do *Menino Jesus*, é obra del-rei D. Pedro II. Havia aqui um hospicio de frades bernardos, que foi vendido depois da extincção das ordens religiosas, e é actualmente propriedade particular. Porém o que dá celebridade a esta povoação é o *Mosteiro de S. Diniz*, de religiosas da ordem de S. Bernardo.

A historia da sua fundação refere-a a lenda do modo seguinte. Achando-se el-rei D. Diniz na cidade de Beja, e saíndo um dia á caça, encontrou-se com um grande urso, que era o terror de todo aquelle termo. Perseguiu-o el-rei por algum tempo, porém a fera, investindo com o cavallo, lançou por terra o soberano, o qual, vendo-se debaixo das garras de tão terrivel animal, invocou a S. Luiz, bispo de Tolosa, santo da sua particular devoção. Apparecer-lhe o santo, animal-o este a puxar do punhal para matar o urso, e ver-se em fim livre do perigo, foi tudo um successo instantaneo. Salvo el-rei por este modo milagroso, resolveu logo edificar um mosteiro em signal de agradecimento para com o ceo. Até aqui a lenda; agora o que é exactamente historico é que, pouco tempo depois de se recolher el-rei a Lisboa da sua viagem a Béja, partiu com a corte e com o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, para uma quinta que possuia em Odivellas, e n'ella lançou solemnemente a primeira pedra do templo e mosteiro a 27 de fevereiro de 1295. A egreja foi consagrada a Nossa Senhora, a S. Diniz e a S. Bernardo, porém o segundo é que ficou sendo o patrono propriamente dito. Esta circunstancia não abona por certo a veracidade da lenda; todavia, o principal successo que ella refere acha-se representado no tumulo do mesmo soberano, como adiante notaremos.

Foi architecto d'esta obra Affonso Martins. Concluida no anno de 1305, fez doação el-rei Diniz d'este mosteiro ás religiosas de S. Bernardo. Passava então por ser o edificio mais grandioso de Portugal. O templo era vastissimo, e no mosteiro accommodaram-se, logo que se acabou, 80 freiras, cujo numero se elevou, no seculo XVIII, a 260. Com o tempo e terremotos tanto a egreja como o convento padeceram bastante ruina, o que deu causa a diversas reconstrucções, que lhes alteraram, na maxima parte, as suas feições primitivas. O edificio do mosteiro, resconstruido completamente no reinado de D. João IV pelo risco e direcção de fr. João Turreano, architecto e monge benedictino [1], pouco ou nada conserva da primeira fabrica. A egreja, porém, ainda mostra em diversas partes alguns specimens da sua antiga architectura, taes como o vestibulo e algumas capellas. No vestibulo vê-se uma memoria antiga de bastante interesse historico. Consiste em uma bala de pedra com cinco palmos de circunferencia, embebida na parede, tendo por baixo a seguinte inscripção: *Este pelouro mandou aqui offerecer a San Bernardo don Alvaro de Noronha, por sua devação, que he dos quom que lhe os turcos combateram a fortaleza Durumuz, sendo ele capitam dela na era de* 1557. Esta era é a da collocação da bala na dita parede, pois que o cerco e combate de Ormuz, a que se refere a inscripção, succedeu no anno de 1552.

O templo não tem bellezas de architectura nem de esculptura. Exteriormente é muito singelo e irregular, póde mesmo dizer-se de fabrica mesquinha, o que é devido principalmente ás reedificações. Cremos que na sua primeira construcção se assimilhava á egreja dos Apostolos em Colonia, isto é, a capella-mór, que é de fórma circular (como se vê na gravura junta), era flanqueada por duas elevadas torres, e como coroada por um corpo do feitio de um frontão, adornado de lavores, que se erguia sobre o arco cruzeiro. Era esta a fachada nobre da egreja, pois que a porta, como acontece em todos os mosteiros de freiras, abre-se na fachada lateral do templo. Interiormente tambem não tem magnificencia. Conta dez capellas, e vinte no coro, que se póde considerar a continuação da egreja, dando assim a esta extraordinarias dimensões, porque de per si é como um grande templo. Na capella-mór ha quatro paineis, representando imagens de santas em corpo inteiro, que são attribuidos ao Grão Vasco. O côro não é só notavel pela sua grandeza, mas tambem pela muita luz, que o faz summamente alegre, e pelo aceio e ornamentação dos seus altares.

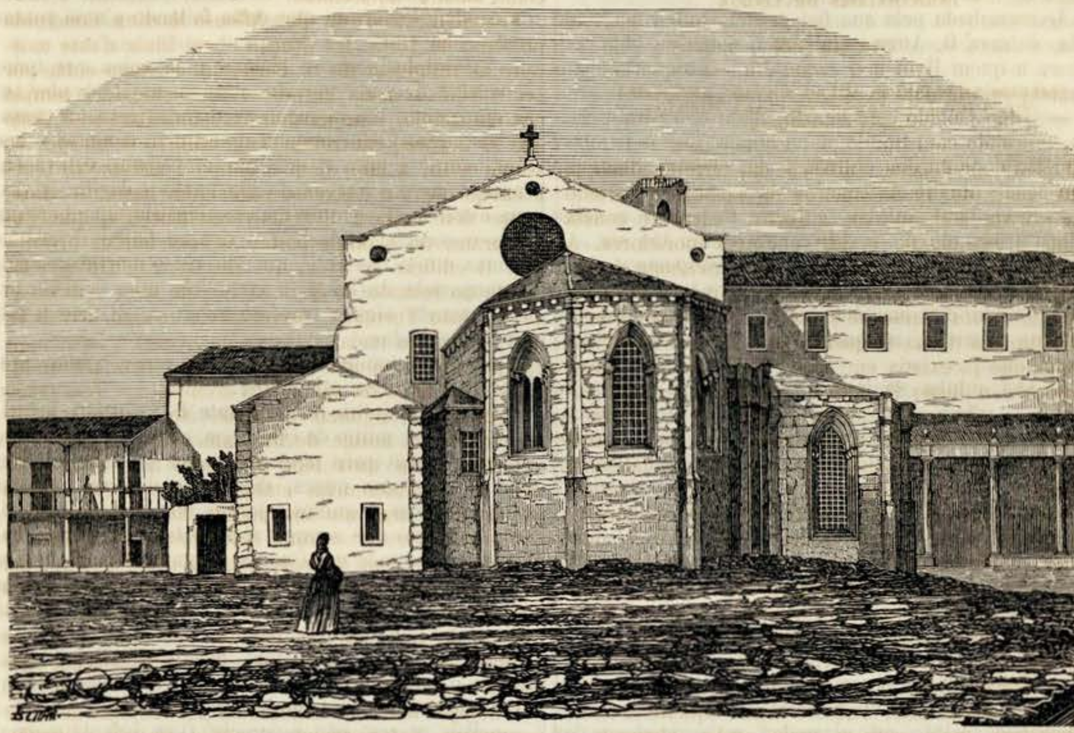
Em uma capella ao lado da capella-mór está o tumulo del-rei D. Diniz, com a estatua do monarcha deitada sobre a tampa. Entre os leões que servem de base ao monumento vê-se um urso, que tem debaixo de si uma figura de homem, e que é allusão ao caso

[1] A orthographia é a do original, que está na Torre do Tombo, no Corpo Chronologico, parte 3.ª, maço 18, doc. 39.
[2] Vid. pag. 356 do vol. V, e 165 d'este vol.

[1] Foi tambem o architecto da ultima reedificação do mosteiro de Santo Thyrso, do convento novo de Santa Clara de Coimbra, do da Estrella em Lisboa, hoje hospital militar, etc.

de que trata a lenda citada. Este mausoleo, que é de pedra, e adornado de variados lavores, tem o merecimento de mostrar o estado da esculptura em um reinado do qual rarissimos monumentos nos restam, a não serem algumas torres e outras obras de fortificação; por quanto foi o proprio rei D. Diniz que mandou fazer o seu tumulo poucos annos depois do acabamento do mosteiro. Infelizmente acha-se este monumento muito estragado. Aos maus tratos que lhe deram, quando o trasladaram da egreja, onde primeiramente esteve, para a acanhadissima capella em que o vemo sagora, accresceram outros actos de barbaridade, que o desfiguraram quasi inteiramente, porque, para encobrirem os estragos, revestiram quasi tudo com grosseiros estuques pintados. A criminosa curiosidade de alguns viajantes, que tem visitado o templo, tem continuado esta obra de profanação e devastação levando, como reliquias archeologicas, fragmentos de esculptnra.[1]

Na capella-mór estão sepultados o infante D. João, filho del-rei D. Affonso IV, e neto de D. Diniz; e D. Maria, filha natural do fundador, e freira d'este mosteiro. Na sacristia está a sepultura de D. Filippa, filha legitima do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e neta del-rei D. João I e da rainha D. Filippa. Falleceu esta rainha no mosteiro de Odivellas, e n'elle permaneceu o seu corpo durante 15 mezes até ser trasladado para a egreja da Batalha.



Convento de S. Diniz em Odivellas

Possue aquelle templo alfaias e vasos sagrados de bastante antiguidade, e de muito valor intrinseco e artistico.

O mosteiro de Odivellas é um grande edificio, composto de muitos corpos construidos ou reedificados em differentes epochas, e sem conservarem entre si especie alguma de regularidade ou symetria. Tem varios dormitorios e claustros, com uma boa cerca, regada por um ribeiro, e na qual ha um jardim que ainda conserva o nome de *Valle de flores* do tempo em que foi quinta real. Encerra o mosteiro crescido numero de moradoras, porém d'estas poucas são freiras.

Gozou este mosteiro de mui grandes privilegios e regalias concedidas pelos papas e pelos nossos reis; e teve muita celebridade, principalmente desde o reinado de D. João V. N'essa epocha, e mais ainda na segunda metade d'esse seculo, nos bons tempos da *Arcadia*, tinham nomeada em todo o paiz os *oiteiros de Odivellas*, por occasião da eleição das abbadessas, aos quaes concorriam, para versejarem, os mais celebrados poetas de Lisboa e de toda a Estremadura. Dos oiteiros só resta a recordação; porém ainda alli se faz annualmente no mez de setembro uma pomposa funcção de egreja, com feira e festa de arraial no espaçoso terreiro que se estende em frente do convento.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA

(Vid. pag. 306)

III

ONDE SE FALLA NO ESPECTRO DO INFANTE D. FRANCISCO, NAS TRIBULAÇÕES DE UMA DAMA DE HONOR, E NA GYMNASTICA DE UM MARQUEZ.

Quando D. Paulo de Lencastre transpunha os umbraes da porta de ferro da quinta de Queluz, transpunham tambem os umbraes da porta do quarto, que pertencêra até então a D. Magdalena de Vasconcellos, duas velhas, que tomavam posse, de castiçal em punho, do seu novo alojamento.

Esse quarto pertencia, como já disse, a D. Magda-

[1] Vid. a gravura d'este tumulo a pag. 77 do vol V.

lena de Vasconcellos; mas n'essa tarde tinha havido mudanças nos arranjos internos do palacio, e para o alojamento da gentil açafata da princeza fôra transferida uma dama de honor da sra. D. Marianna Victoria, esposa de sua magestade el-rei o sr. D. José.

A boa senhora tinha já visto florir a larangeira pelo menos setenta vezes; mas, apesar do amor com que sempre mirára a casta e etherea florinha, nunca um homem só, um do sexo perverso, como ella fazia a honra de alcunhar o sexo masculino, tentára adornar com a grinalda das flores brancas a anciosa fronte da pobre donzella.

Desornada sempre do invejado diadema, foi-lhe enrugando a fronte; mas nem as rugas fizeram desapparecer os desejos e as esperanças.

Acompanhada pela sua fiel criada, solteirona como ella, entrava D. Anna — tal era o nome da pobre senhora a quem Hymeneu esquecêra — no quarto abandonado pela açafata gentil.

— É tão isolado este quarto, dizia ella para a criada, entrando com timido pé na quadra que ia habitar; está tão distante dos outros! Póde a gente gritar, que não acode ninguem.

— É verdade, minha senhora, respondia a velha criada tremendo de susto; estamos aqui tão sós... e dizem que no paço apparecem tantos espectros...

— Não são os espectros que eu receio, Theresa; tenho medo das machinações do sexo perverso. Os homens, Theresa, só querem abusar da virtude desprotegida.

— Ah! minha senhora! Meu tio foi guarda da quinta, e dizia elle que muitas vezes tinha encontrado lobishomens nas alamedas, e até nos corredores do palacio.

— Olha que has de dormir ao pé de mim, ouviste? tornou a sra. D. Anna, sentando-se ao pé da mesa, e mirando tudo em torno de si; se sentires bater á porta, não respondas; póde ser algum atrevido que venha de proposito com más tenções, sabendo que estão aqui duas donzellas.

— E elles então que já hão de saber o caminho da porta!

— É verdade, é, mas acham-se enganados! A tal D. Magdalena anda sempre com modos sentimentaes, passeando sósinha nas alamedas, e desviando-se dos fidalgos que a procuram. Sonsinha! Julga que eu não a entendo! Foge-lhes de proposito, que é para elles andarem atraz d'ella! Assim é que se apanham casamentos. Delambida!

— É verdade, minha senhora, os homens deixam-se caír como uns patinhos nas redes que estas sonsas lhes armam.

— Eu não! Elles a andarem atraz de mim, e eu logo a repellil-os de modo que não se atrevem a voltar. Podéra! É um sexo perverso, Theresa, é um sexo perverso! Só estas delambidas os enlevam!

— Deixal-os. Eu antes quero viver assim solteirinha!

— Tambem eu! Matrimonio! *Vade retro satanaz!* Elles bem tem querido! Mas eu não lhes dou troco! Nada, nada, apegada aos meus santinhos, rezando as minhas orações, faço figas ao inimigo!

— Ai! senhora! não falle assim no démo! Olhe que elle póde-se vingar! Aqui nos corredores apparecem almas penadas, que andam cumprindo o seu fadario! Não venha alguma ter comnosco.

— Ora deixa-te d'isso, Theresa! Não falles assim, que até mettes raiva.

— Ó minha senhora! Poisquererá negar que a alma do sr. infante D. Francisco, que morreu ha de haver trinta annos, anda por Queluz a cumprir as penas do purgatorio?

— Ó Theresa, até é peccado dizer isso!

— Pois, minha senhora, muitas vezes meu tio m'o contou! Ai! senhora, que até tremo de susto a dizer-lhe isto.

E a medrosa criada chegou-se para ao pé de sua ama, e continuou em voz baixa:

— O sr. infante D. Francisco, tio del-rei, que Deus guarde, e irmão do senhor rei D. João (Deus lhe falle n'alma), sempre, desde pequeno, foi muito travêsso; mas logo se conheceu que as travessuras de que mais gostava, eram aquellas que faziam mal aos outros! Quando apanhava algum passarinho, o seu gosto era depennal-o vivo, ou queimal-o a fogo lento, dando gritos de alegria, quando o pobre animalsinho começava a estrebuxar. Logo todos agoiraram que d'alli havia de saír um genio muito ruim.

— Está bom, Theresa, tornou severamente a dama da rainha, lembra-te que estás fallando n'uma pessoa real.

— Ó minha senhora, isto é uma coisa que todos sabem! Foi crescendo em annos e em malvadez, e, se em quanto era pequeno se divertia a matar passarinhos, quando foi homem divertiu-se a matar o seu similhante! Uma vez que um marinheiro estava encarrapitado nas vergas de um navio a dar-lhe vivas, sua alteza real pegou n'uma espingarda, apontou com todo o socego, desfechou o tiro, e bateu depois as palmas muito contente, quando viu o marinheiro caír desamparado das vergas, como cáe uma pera da arvore quando algum travêsso rapaz se diverte a atirar-lhe pedradas.

— Lembro-me perfeitamente de ouvir contar isso. Era eu então uma criancinha.

— Por força. Ora o sr. infante D. Francisco principiou a gostar muito de Queluz, e, como elle era muito caçador, vinha para aqui muita vez para se entreter em caçadas, nas quaes, dizem, se divertia a matar não só lebres e gamos, porém homens tambem. O que é certo é que sempre alguma travessura assignalava a sua estada em Queluz, e que não partia nunca de cá sem ir acompanhado pelas maldições d'estas pobres familias, que tinham constantemente alguma desgraça a deplorar.

— Pois faziam muito mal, acudiu a velha fidalga, fizesse o sr. D. Francisco o que fizesse deviam-se lembrar que era de uma familia sagrada.

— Pois se era, não o parecia. O sr. infante morreu em 1742; e, d'ahi por diante, dizia meu tio, que é pessoa a quem se póde dar credito, dizia elle que todas as noites, depois da meia noite, apparecia um espectro dando gemidos e ais, e que muitas vezes esse francez, que dirigia as obras do jardim, e que tem um nome arrevezado...

— João Baptista Robillon se chama elle, homem de muito merecimento.

— Pois esse tal, que andava de noite a passear pela quinta a pensar nos seus planos, muitas vezes encontrou o espectro; mas nunca abriu bico a esse respeito, porque o maroto do herege dizia á boca cheia que eram tudo petas, e então não queria dar o seu braço a torcer. Pois olhe que era assim!

— N'esse caso talvez o sr. marquez de Pombal o encontre agora! Elle tem o costume de passeiar na quinta, depois de todos estarem recolhidos, para meditar mais á sua vontade nos negocios do estado.

— Ai! minha senhora! respondeu a criada toda trémula, dizem que são os remorsos que o salteiam, e que, quando vae passeiar sósinho, encontra os espectros do duque d'Aveiro, dos marquezes de Tavora, e do conde de Atouguia, que o perseguem dando gritos horrorosos.

— Ih! Jesus, mulher, és capaz de me pegar os teus ridiculos pavores.

— Isto não é comnosco, é lá com o sr. Sebastião de Carvalho e Mello! Sua alma sua palma. Assim o quiz, assim o tenha.

— Cala-te, mulher! Isso são modos de fallar no ministro del-rei!

— Então, minha senhora, aqui ninguem nos póde ouvir! Inda mal que assim é; porque dizem que o infante D. Francisco apparece nos quartos para fazer maldades, mesmo depois de morto! E então de mais a mais que não acaba o seu fadario senão em passando cem annos depois da sua morte; e só são passados trinta. Já não é no nosso tempo!

— Provavelmente não, respondeu suspirando a septuagenaria donzella.

— E o espectro anda pela quinta; se vê luz no quarto, é capaz de se metter pela janella!

— Pois vae fechal-a.

— Eu! minha senhora!

— Medrosa! é preciso que eu me levante!

E a resoluta dama de honor ergueu-se da cadeira, e dirigiu-se á janella para a fechar. Mas de repente deu um grito e recuou.

No parapeito acabava de apparecer um chapeo de tres bicos e uma cabelleira, e d'ahi a pouco o rosto bochechudo e luzidio de um velho cortezão.

Içou-se com muito custo, deitou uma perna para dentro do quarto, e bradou:

— Não tenha receio, D. Magdalena, é o seu terno adorador.

— O senhor marquez de Valladares! Bradou a velha, quem me acode! Soccorro!

— Perdão, minha senhora, foi engano, desculpe, bradou o marquez estupefacto, e procurando descer outra vez.

— Mas o fiel Bernardo Domingues, que tinha segurado na escada de seda a fim de facilitar a perigosa ascensão do seu tropego e bojudo amo, apenas viu turvarem-se os ares, largou a fugir com toda a ligeireza que lhe permittiam as suas compridas pernas; e o pobre marquez, vendo a escada abandonada, e fluctuando ao vento, não ousou entregar-se a tão perigoso exercicio gymnastico.

Ficou portanto o pobre fidalgo empoleirado triumphalmente no parapeito, resistindo aos empurrões da velha Theresa, a qual, tendo primeiro quasi desmaiado de susto quando viu apparecer na janella uma cara, tinha finalmente reflectido que não podiam haver espectros bochechudos, e, retomando animo, começára aos safanões ao marquez, procurando socegar a velha dama de honor, que berrava esganiçadamente:

— Acudam! Soccorro! Prendam o seductor! o salteador da minha honra!

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O ANJO DA GUARDA

EPISODIO DA GUERRA DA INDEPENDENCIA HESPANHOLA

I

O dia 1 de maio 1814 foi talvez um dos mais lindos, esplendidos e perfumados de quantos as avesinhas saudaram nos velhos torreões de Tarragona, ao regressarem a elles depois da sua expedição annual á Africa.

Era, pois, o primeiro de maio 1814, dia dos santos Filippe e Thiago, apostolos; e, como todos os annos, as aves de Christo chegavam aos pares em busca do templo dos passados amores, alegrando com os seus canticos de jubilo mais de um lar triste e abandonado.

O mar, despovoado de baixeis, conservava-se azul como o ceo. O campo, que tanto sangue absorvêra havia poucos mezes, sorria ás caricias do vivificador sol, ostentando thesouros de flores e verdura. O ar, embalsado e tépido, repetia os suavissimos rumores da natureza feliz e tranquilla.

Quinze dias teriam passado apenas desde que a paz reinava em Hespanha, depois de seis annos de horrivel lucta.

A guerra da Independencia, a epopêa da moderna Hespanha, terminára inteiramente.

Os generaes do primeiro Napoleão tinham fugido, um após outro, a esconder-se nos Pyreneos.

As derrotas padecidas nos Arapiles, Castella, Victoria e Tolosa, fizeram comprehender aos francezes que nunca seriam donos do territorio hespanhol.

Não havia já em toda a peninsula nem um soldado estrangeiro!

A Hespanha, anniquilada e faminta, descançava por fim áquelle sol radiante, como o convalescente que se levanta do leito depois de luctar largo tempo com a agonia.

Os sinos chamavam de novo os fieis ás incendiadas e saqueadas egrejas. O fumo dos ensanguentados e profanados lares tornava a elevar-se ao ceo pela serena atmosphera. Os canticos populares e nacionaes estremeciam outra vez ao vento. O esforçado patriota largava as armas e voltava aos trabalhos campestres, consolando-se de ter perdido filhos, irmãos e paes, só com a idéa de haver conservado o solo que os vira nascer e morrer!

Era tudo, em fim, santa tristeza e pathetico alvoroço desde S. Sebastião até Cadiz, desde a Corunha até Gorona; eram todos a referir as grandes façanhas de cada provincia, de cada cidade e de cada aldeia, empenhadas conjunctamente em sacudir o jugo estrangeiro; todos a dar louvores a Deus pela victoria, a commemorar religiosamente os defunctos, a estancar o sangue das feridas abertas nos grandes interesses da nação, e a reedificar cidades ou construil-as de novo, com a esperança de alcançar n'ellas melhores dias!

II

Na manhã referida, um gentil moço e uma formosissima menina, ambos de vinte e tres ou vinte e quatro annos de edade, trajando singela mas elegantemente, como pessoas da classe média, saíam da egreja de S. Domingos de Tarragona, onde acabavam de rezar.

O sacerdote que os recebêra na semana anterior, acompanhava-os agora amigavelmente, indo tão contente e ufano entre os dois amorosos noivos, como se estes lhe devessem a felicidade.

Muita lhe deviam, certamente.

Clara e Manuel, que assim se chamavam os noivos, tinham perdido as familias no dia 28 de junho 1811, quando o general Suchet tomou por assalto a cidade de Tarragona. Tempos depois, no fim da campanha de 1813, Suchet, perseguido, passou pela mesma cidade, e destruiu as fortalezas e algumas casas, sendo uma d'estas a do escrivão que guardava os titulos das propriedades de Manuel, escondido n'aquella epocha em companhia de Clara e sua mãe.

Tanto n'um como n'outro dia, foi espantosa a mortandade em Tarragona.

Quando o pobre moço e orphão voltou em procura de sua casa e dos seus bens para os offerecer áquellas duas mulheres desvalidas, viu compungido que lhe não era possivel identificar a sua pessoa, nem acreditar o direito que tinha á propriedade de seus paes.

Appareceu então na arruinada cidade o virtuoso padre com quem o encontrámos, o qual conhecia desde que nascêra, porque fôra sempre cura da sua parochia e o baptisára e ensinára.

Manuel, que já pedia esmola, enriqueceu no dia seguinte ao de tão feliz encontro. Ficavam reconhecidos todos os seus direitos.

Poucos dias depois se realisou o seu casamento com Clara.

Sua mãe apparecerá no curso d'este breve e verdadeiro conto.

III

— De que se trata, meus filhos, — perguntou o sacerdote á porta da egreja; — digam-me...

— Não é nada, sr. prior, — disse Clara com tristeza. — Mas desejamos confiar-lhe um segredo.

— Um segredo... a mim! Pois não fui o seu confessor esta manhã?

— É verdade... — respondeu Manuel, ainda com maior tristeza; — porém o nosso segredo não é peccado.

— Então isso é outra coisa, — replicou o ancião.

— Pelo menos peccado nosso...—balbuciou a noiva.

— Bom; pensava que haveria maldade no assumpto, quando acudiam ao pobre velho. Vejamos... Que vem a ser, pois?

— Falla — disse Clara ao marido.

— Ainda não. Venha, sr. prior... A manhã está formosa, murmurou Manuel; — daremos um passeio curto, e no *mesmo sitio* lhe diremos o que succedeu.

— Em que sitio?

— Venha, sr. prior — replicou Clara, puxando pela capa do padre.

Prestou-se este gostosamente ao desejo dos dois jovens, e os tres saíram da cidade.

Na distancia de mil passos, e na margem de Francoli, Manuel parou dizendo:

— Era aqui...

— Não... não, — acudiu Clara. — Foi mais adiante.

— Foi, com effeito, n'aquelle recanto onde se vê uma mulher sentada no chão.

— Cala-te... e se aquella mulher for minha mãe!

— Tua mãe?

— Sim; não tenho duvida. Saíu esta manhã de casa como todos os dias sem consentir que ninguem a acompanhasse... e vê para onde vem a infeliz! Não o estranhe, sr. prior; saiba que a pobresita está mal da cabeça... Desde *aquella noite*, a sua razão padece frequentes allucinações.

No entretanto, os tres chegaram ao lado de uma mulher que estava effectivamente sentada no chão, á margem do rio, com os olhos fitos nas fugitivas ondas do Francoli.

Era uma anciã de venerando aspecto, severa physionomia, olhos negros e abatidos, cabellos alvissimos e compridos; uma catalã, por fim, tão energica quão doce, tão carinhosa como altiva.

— Que formoso dia, minha mãe! — lhe disse Clara para distrahil-a, e em quanto a abraçava.

— Que horrivel noite, minha filha! — respondeu a pobre louca.

— Oiça agora, sr. prior, como succedeu o caso, — disse Manuel fazendo um esforço e afastando o sacerdote do grupo das duas mulheres.

(Continúa)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

56.°

Alguns escriptores escrupulosos evitam empregar a palavra *successo* na accepção de *bom exito*, *feliz resultado*, *triumpho*, etc., suppondo que n'esta significação é gallicismo, porque assim o qualifica o douto cardeal fr. Francisco de S. Luiz, no seu *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna*, a pag. 143 (2.ª ed.), n'estes termos:

SUCCESSO: Significa em portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito* de qualquer empreza ou negocio, etc.; e é indifferente para exprimir o successo *bom* ou *mau*, *feliz* ou *infeliz*, *prospero* ou *adverso*, etc; em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que é gallicismo tomado absolutamente, dizendo v. gr.: *prégou com successo*, i. é. com *bom* successo; para cultivar *com successo* é necessario conhecer o terreno, i. e., para cultivar com *feliz* successo, etc.

Enganou-se n'este ponto, como em outros mais, o douto philologo, porque a palavra *successo* tem em portuguez o mesmo significado que lhe dão os francezes, porque a origem é latina, e n'este idioma se define *successo* por *eventus prosper*. E tanto que no capitolio havia uma divindade denominada Successo, com os emblemas que denotam o jubilo e descanço que se goza depois do triumpho.

Os que tem frequente leitura dos nossos classicos sabem que elles empregam este vocabulo na accepção que fr. Francisco de S. Luiz reprova como gallicismo; e para não accumular exemplos em ponto de tão facil averiguação, apenas transcrevemos alguns do P. Antonio Vieira, que se era propenso a italianismos, a gallicismos nunca.

«Muito lhe doeu a Christo, gotas de sangue lhe custou, contemporisar com a circumcisão; mas foi necessario dissimular com dor para remediar com *successo*». — *Sermões*, t. XI. 486.

«Mas tempo é já que nos façamos n'outra volta, que do sul passemos ao norte, e ponderemos o *successo* (a victoria) do Rio Real». — *Id.* t. XV. 2.

«Parece que vejo aqui retratado o *successo* dos filhos de Israel, quando venceram aquelle grande exercito dos Syrios, que capitaneava Gorgias, general do rei Antioco». — *Id.* t. XV. 18.

«... e o fizeram (os portuguezes) com tanto *successo* e resolução». — *Voz Hist.* 10.

Se houvessemos de dar adjectivo a este substantivo, teriamos de dizer *bom successo*, *mau successo*, o que causaria um equivoco tão obvio que escusâmos declaral-o.

JANEIRAS

Assim se chamava antigamente ás cantigas e musicas que certos homens andavam entoando ás portas dos amigos e pessoas de qualidade no primeiro dia de janeiro.

O mesmo nome se dava aos presentes do dia de anno bom, vindo a ser as *janeiras* o que os francezes chamam *étrennes*.

Diogo do Couto na *Decada* 7. l. 10. c. 12 refere a este proposito o seguinte:

«Uma novidade contarei que não acho nas historias, digna de se saber, e de cuja origem não ha poder-se achar rasto algum, que é esta.

Todos os primeiros dias de janeiro, em saindo novos vereadores e officiaes da camara (portugueza), logo vão visitar el-rei de Cochim, e lhe levam um portuguez de oiro, o que até hoje (1616) dura; e nem os mesmos vereadores sabem a razão por que fazem aquillo.

O que eu presumo é, que se lhe dá a modo de pitança, que lhe offerecem quando lhe vão dar os bons annos, em gratificação da cidade que nos deu; ou tambem se lhe offerecerá por peça que n'aquelle tempo que descobrimos a India, se lhe costumava a dar de janeiras».

Ainda no principio do seculo passado se chamava *dar as janeiras* ao que nós hoje dizemos *dar as boas festas*.